AGENDA DA SEMANA NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
08/mar	FGV: IGP-DI	Fev/19	1,11% m/m 7,58% a/a	0,07% m/m 6,56% a/a

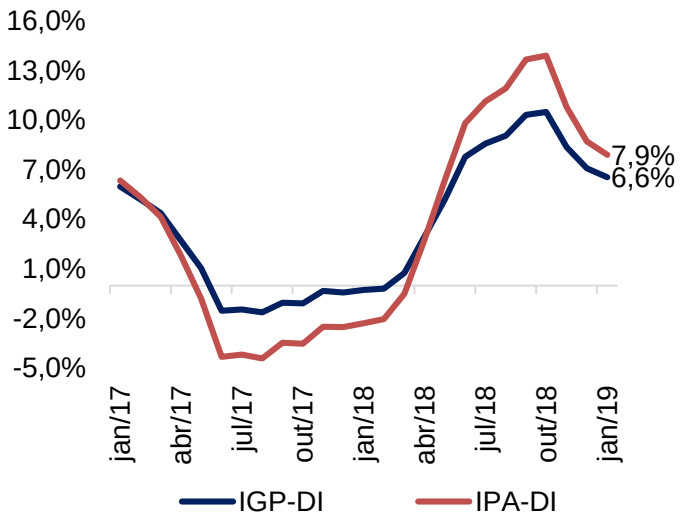
Fonte: Bloomberg

Semana esvaziada com Carnaval

A agenda da semana é bastante esvaziada em função do feriado de Carnaval. Na agenda de indicadores econômicos está prevista apenas a divulgação da inflação de fevereiro, medida pelo IGP-DI. Na política, o mercado deve acompanhar as movimentações em torno da Previdência, mas não deve haver nada de concreto. A CCJ da Câmara deve ser formada apenas na próxima semana, com início no dia 12.

Sexta-feira (08), a FGV divulga o resultado do IGP-DI de fevereiro, que deve mostrar alta de 1,11%, segundo consenso de mercado coletado pela Bloomberg. Em 12 meses, o indicador sairá de 6,56% para 7,58%. Tal aceleração se deve ao índice que capta o aumento dos preços no atacado (IPA), que tem mostrado pressão do minério de ferro, em virtude do acidente com a Vale; do feijão com a quebra de safra; e recentemente com a alta dos combustíveis, com o aumento dos preços do petróleo no mercado internacional e ligeira depreciação cambial. De toda forma, tal aumento de preços no atacado não traz maiores preocupações, dada a baixa capacidade de repasse de preços para o varejo em função da ainda elevada ociosidade da economia.

Quadro 1: IGP-DI e IPA-DI – Var.% 12 meses



Fonte: FGV

AGENDA DA SEMANA INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
06/mar	EUA	Livro Bege	-	-	-
07/mar	Zona do Euro	Reunião de Política Monetária do ECB	-	0,0% aa	0,0% aa
07/mar	Zona do Euro	PIB	4º tri/18	0,2% t/t 1,2% a/a	0,2% t/t 1,2% a/a
08/mar	EUA	Mercado de trabalho	Fev/19	3,9%	4,0%
08/mar	China	Balança Comercial	Fev/19	US$ 26,6 bi	US$ 39,1 bi
08/mar	China	Inflação ao Consumidor (CPI)	Fev/19	1,5% a/a	1,7% a/a

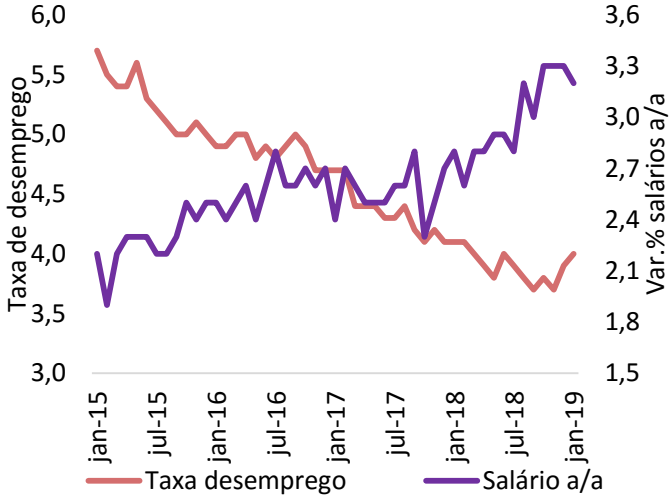
Fonte: Bloomberg

Mercado de trabalho nos EUA deve seguir aquecido

Diferentemente da agenda nacional, no cenário externo, a semana ainda possui vários eventos relevantes. Nos EUA, na sexta-feira (08) serão divulgados os dados do mercado de trabalho de fevereiro, que devem seguir mostrando números robustos, apesar dos sinais de desaceleração econômica. O consenso do mercado espera geração de 181 mil vagas e ligeira queda do desemprego, de 4,0% para 3,9%, enquanto os salários devem continuar acelerando de 3,2% para 3,3% na comparação anual.

Ainda nos EUA, hoje (06) será divulgado o Livro Bege, relatório elaborado pelas regionais do Fed, que capta o sentimento dos empresários em relação à economia americana. O documento será importante para mostrar qual o efeito das incertezas comerciais (especialmente com os chineses) sobre o otimismo dos empresários.

Quadro 2: EUA – Taxa de Desemprego e Var.% Anual dos Salários



Fonte: Bloomberg

Na Zona do Euro, amanhã (07) ocorrerá a reunião de política monetária do Banco Central Europeu (ECB). A principal taxa de juros do bloco deve continuar em 0%, sem grandes surpresas. Já o comunicado deve reforçar os temores quanto ao desaquecimento econômico da região. Também amanhã (07), sairá o resultado final do PIB do 4º trimestre de 2018 do bloco, que deve confirmar a perda de ímpeto da atividade no período.

Na China, a atenção estará voltada para o resultado da balança comercial de fevereiro, que será divulgada na sexta (08). Depois do resultado acima do esperado para as exportações e importações em janeiro, o mercado aguarda o dado para ver se foi algo pontual ou se os sinais são de estabilização, embora em uma taxa mais modesta de crescimento. Também na China, no mesmo dia, sai o resultado do CPI referente a fevereiro.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS NACIONAIS

Atividade

PIB confirma fraco desempenho da economia no 4º tri

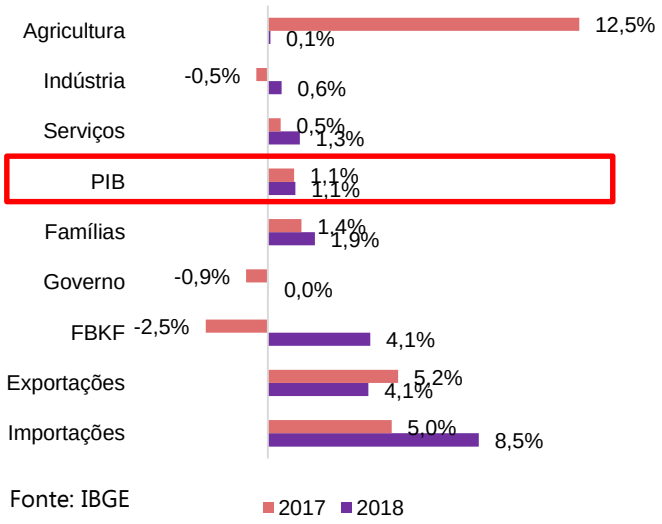
O IBGE informou na semana passada que o PIB brasileiro registrou modesto avanço de 0,1% no 4º tri de 2018, em linha com as expectativas, confirmando a perda de ímpeto da economia no período.

Do lado da oferta, o pior desempenho ficou com a indústria (-0,3%), refletindo os problemas enfrentados pelo setor de transformação (-1,0%). Serviços e agricultura mostraram tímido desempenho positivo (+0,2% para ambos). Do lado da demanda caíram no trimestre: a formação bruta de capital (-2,5%), as importações (-6,6%) e o consumo do governo (-0,3%). No caso do investimento e das importações, o resultado foi influenciado pela mudança nas regras do Repetro, que elevou artificialmente o investimento e as importações de plataformas de petróleo no terceiro trimestre de 2018, distorcendo a comparação entre os períodos. Por fim, o consumo das famílias (+0,4%) e as exportações (+3,6%) registraram crescimento no trimestre, impedindo um desempenho ainda mais fraco da atividade no período.

No ano o PIB cresceu 1,1%, mesma taxa registrada em 2017, e muito abaixo das expectativas iniciais do começo do ano, próximas a 3,0%. Entretanto, do ponto de vista qualitativo, o resultado pode ser considerado melhor que o do ano anterior. Em 2017, analisando pela ótica da oferta, cerca de metade do crescimento do PIB ocorreu devido ao forte crescimento da agricultura (+12,5%) refletindo a super safra de grãos com a melhora das condições climáticas. Neste ano, o setor ficou praticamente estável (+0,1%). Por outro lado, a indústria e os serviços, cujos desempenhos refletem de forma mais ampla os fundamentos da economia, tiveram um desempenho melhor. A indústria cresceu 0,6% ante -0,5% em 2017, enquanto os serviços cresceram 1,3% (ante 0,5%). Análise semelhante pela ótica da demanda, onde o consumo das famílias e os investimentos puxaram a atividade em 2018, em vez do bom desempenho do setor externo.

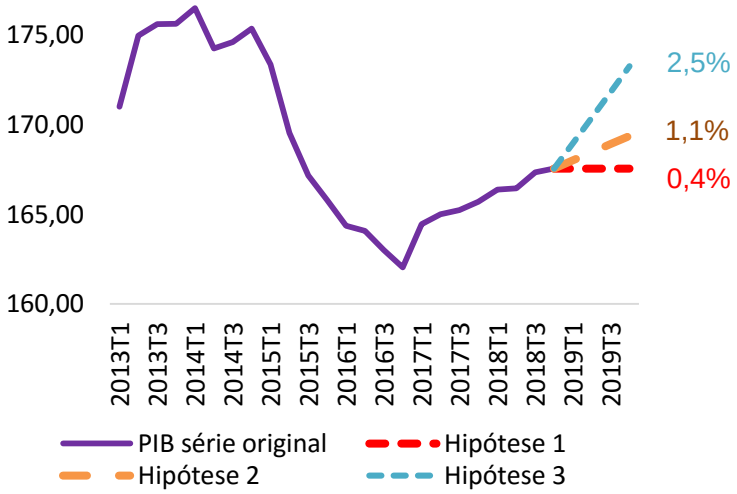
O fraco desempenho do 4º trimestre levanta um sinal amarelo para a performance da economia em 2019, sendo possível que haja novamente uma frustração das expectativas ao longo ano. Apenas para ilustrar tal ponto, o Quadro 4 traz três hipóteses para o desempenho do PIB.

Quadro 3: PIB e seus componentes – Var.% 2017 e 2018



Fonte: IBGE

Quadro 4: Hipóteses para trajetória do PIB em 2019



Fonte: IBGE. Elaboração Febraban

Atividade (continuação)

A primeira, e mais tradicional é o chamado carregamento estatístico, que supõe que a economia manterá o mesmo nível de produção registrado no quarto trimestre de 2018 ao longo de todo 2019. Isso implicaria num crescimento de apenas 0,4% no ano.

A segunda, supõe que a economia manterá o mesmo ritmo de crescimento trimestral apresentado desde o segundo trimestre de 2017, ou seja, início da recuperação, excluindo o desempenho atípico do primeiro trimestre de 2017, quando houve a entrada da super safra agrícola. Nesse caso, a economia manteria uma taxa trimestral de expansão de 0,27%, o que implicaria em novo crescimento anual de apenas 1,1% do PIB (terceiro ano seguido).

Por fim, a terceira hipótese impõe que o crescimento anual será de 2,5% em 2019, conforme expectativas correntes, e estima qual seria o crescimento trimestral necessário para atingir tal desempenho. Nesse caso, a economia brasileira teria que crescer 0,84% ao trimestre, ou seja, cerca de 3 vezes mais que o ritmo atual.

Em suma, o exercício mostra que para o país crescer cerca de 2,5%, conforme as expectativas atuais, deverá haver aceleração considerável do ritmo de expansão ao longo do ano. A melhora da confiança dos agentes e das condições financeiras (fechamento da curva de juros, alta da bolsa, apreciação cambial e queda do risco país) sugerem que alguma aceleração haverá, mas ainda parece pouco para que o país cresça 2,5%.

Para isso, é imperativo que a agenda de reformas, em especial da previdência, caminhe de forma célere, e sem grandes modificações em relação a proposta original. Caso contrário, deveremos ter nova frustração com o desempenho da economia, com o crescimento podendo ficar novamente abaixo de 2,0%.

Mercado de trabalho

Pnad e Caged mostram números decepcionantes em janeiro

Os dados do mercado de trabalho de janeiro foram bastante fracos, sinalizando que a atividade seguiu em ritmo lento no mês.

A Pnad Contínua do IBGE mostrou que a taxa de desemprego subiu de 11,6% no trimestre encerrado em dezembro para 12,0% em janeiro. A alta do desemprego no início do ano é comum, e decorre da demissão dos temporários contratados no fim do ano. No entanto, o resultado foi pior que o consenso do mercado (11,9%), e na comparação com janeiro do ano passado, a taxa recuou apenas 0,2 pp., praticamente estável, indicando que o mercado de trabalho ainda não deu sinal de melhora visível. Diante da sazonalidade desfavorável até março, é provável que o desemprego volte a encostar em 13,0%, para só voltar a recuar à partir de abril.

A publicação continuou mostrando um baixo dinamismo do mercado formal de trabalho, e a geração de vagas centrada em empregos informais e por conta própria.

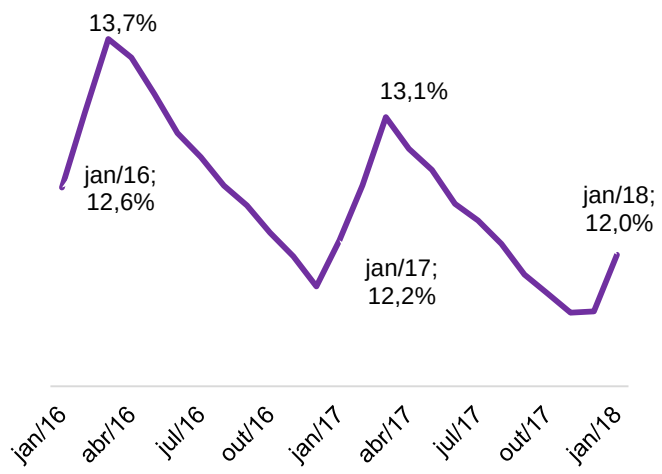
De forma semelhante, os dados do Caged referente ao mês de janeiro trouxeram números decepcionantes, aquém do esperado. A geração líquida de vagas formal no mês foi de 34,3 mil, muito abaixo do consenso (+86,0 mil). Como comparação, em janeiro do ano passado foram gerados 77,8 mil vagas líquidas.

Parte da frustração com o resultado pode ser atribuída a alguma mudança no comportamento do comércio, que cada vez mais, tem deixado para demitir os temporários em janeiro, em vez de dezembro. Em janeiro, o setor foi responsável pelo fechamento de 65,9 mil vagas.

De toda forma, a perda de ritmo da geração líquida de vagas é visível. Na série com ajuste sazonal da Febraban, foram criados 20,4 mil vagas no mês, pior resultado desde o mês de junho do ano passado, resultado da greve dos caminhoneiros. E a linha de tendência, média móvel 3 meses, mostra desaceleração pelo segundo mês seguido.

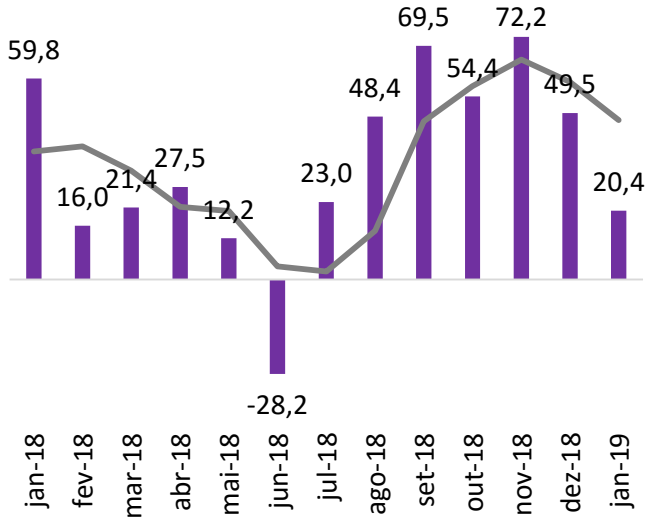
Em suma, os dados do mercado de trabalho mostraram números decepcionantes em janeiro, reflexo da recuperação econômica muito lenta, que perdeu força no segundo semestre do ano passado. Dada a defasagem que existe entre a melhora da economia e o mercado de trabalho, este só deve mostrar alguma aceleração a partir do segundo trimestre, devido a melhora da confiança e das condições financeiras vistas à partir de outubro, que devem ajudar o crescimento econômico neste primeiro trimestre.

Quadro 5: Pnad - Taxa de Desemprego



Fonte: IBGE

Quadro 6: Caged - Geração líquida de vagas – com ajuste sazonal



Fonte: Caged

Fiscal

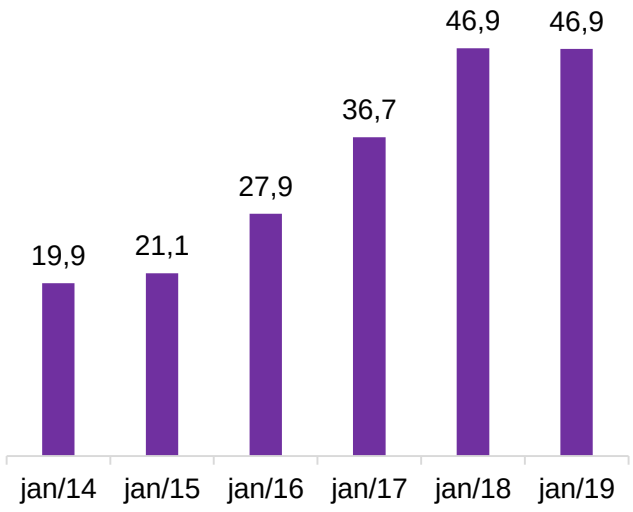
Superávit Primário de janeiro é positivo, mas desafio ainda é enorme

O Banco Central divulgou na última semana que o setor público consolidado registrou superávit primário de R$ 46,9 bilhões em janeiro, acima da previsão do mercado de R$ 41,1 bi. O resultado foi decomposto por superávits de R$ 35,6 bi do governo central, R$ 10,8 bi dos entes subnacionais (Estados e municípios) e R$ 0,5 bi das empresas estatais dependentes.

Apesar de positivo (e acima do esperado), o resultado é sazonal. Nos meses de janeiro ocorre o ingresso de receitas extras, especialmente o recolhimento de IRPJ por parte das empresas, que beneficia o caixa do Tesouro e do IPVA e IPTU no caso dos entes subnacionais. Em janeiro de 2018, o resultado do setor público foi de R$ 46,9 bilhões, idêntico ao deste ano.

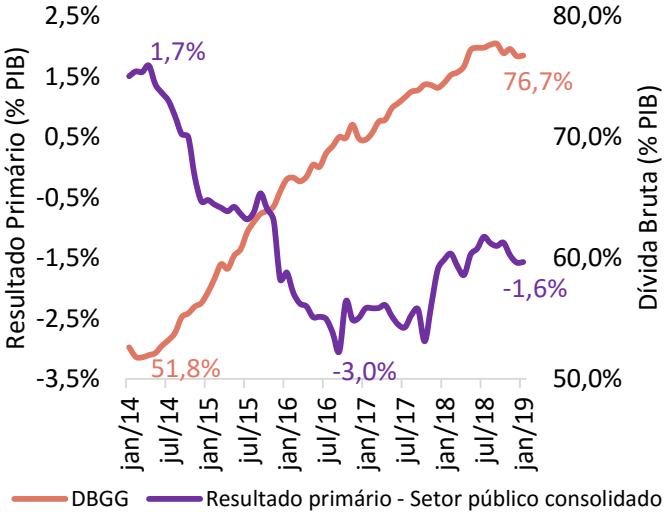
Em relação as receitas e despesas informadas pelo Tesouro Nacional (apenas para o caso do governo central), ambas sofreram retração real ante o mês de janeiro do ano passado. A receita líquida caiu 3,0%, decorrente de fatores não recorrentes, especialmente do ingresso com o Refis, que impulsionou as receitas no inicio do ano passado. Enquanto a despesa real recuou 2,3%, refletindo a queda de gastos com subsídios e discricionários.

Quadro 7: Superávit Primário - Setor Público Consolidado (Em R$ bi)



Fonte: BCB

Quadro 8: Evolução Resultado Primário e Dívida Bruta (% PIB)



Fonte: BCB

No acumulado em 12 meses, o déficit primário do setor público ficou em R$ 108,3 bi (1,6% do PIB), mesmo nível registrado em dezembro. As despesas com pagamentos de juros foram de R$ 20,8 bilhões no mês, acumulando R$ 371,7 bi em 12 meses (5,4% do PIB). Dessa forma, o resultado nominal do mês foi superavitário em R$ 26,0 bilhões, acumulando déficit de R$ 480,0 bi (6,9% do PIB) em 12 meses. Por fim, a dívida bruta ficou estável na passagem de dezembro para janeiro em 76,7% do PIB.

Em suma, o resultado mostrou que o Tesouro segue segurando as principais despesas que tem capacidade de controle, mas sem uma alteração profunda na estrutura de gastos, a melhora será apenas marginal, levando anos para a volta do superávit. As receitas por sua vez, tem mostrado alguma recuperação, quando se exclui fatores não recorrentes, mas ainda de forma contida, em função da tímida recuperação econômica. Nesse sentido, o Tesouro deve registrar outro ano com déficit, empurrando a relação Dívida/Pib para perto da faixa de 80,0%.

Setor Externo

Contas externas seguem confortáveis

A nota do setor externo do Banco Central referente a janeiro trouxe poucas novidades. O déficit em conta corrente no mês ficou em US$ 6,5 bilhões, acumulando US$ 14,8 bi (US$ 14,5 bi em dezembro) ou 0,8% do PIB em 12 meses.

No acumulado em 12 meses, o saldo comercial se reduziu, de US$ 53,5 bi para US$ 52,8 bi, mas segue robusto. Enquanto as contas de rendas e serviços, tem mantido déficit relativamente estável, em US$ 36,3 bi e US$ 33,7 bi, respectivamente.

O ingresso de investimento estrangeiro direto, por sua vez, foi de US$ 5,9 bi, acumulando US$ 85,8 bi (4,7% do PIB) em 12 meses, superior em 6 vezes o déficit em conta corrente.

Apesar da expectativa de um ligeiro aumento do déficit neste ano, as contas externas tem apresentado números bastante confortáveis, e assim como a inflação não são motivo para preocupação.

Inflação

IGP-M acelera, mas não preocupa

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M) subiu 0,87% em fevereiro, segundo a FGV. Com o resultado, o índice acumula alta de 7,6% em 12 meses (ante taxa de 6,8% em janeiro).

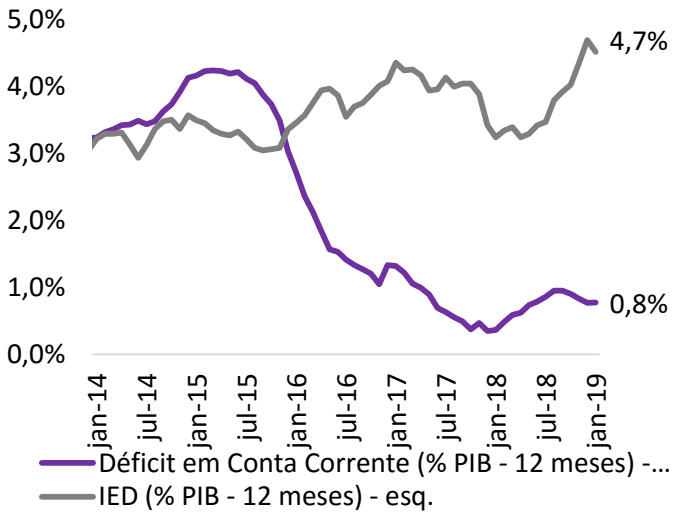
O resultado do mês foi puxado pela alta dos preços no atacado, com aumento de 1,2% no IPA (responsável por 60% da variação do índice). A principal contribuição segue sendo os alimentos *in natura*, com alta de 17,4% no mês, reflexo do aumento de 62,3% do preço do feijão.

O grupo de Matérias-Primas Brutas passou de -0,3% em janeiro para +3,2% em fevereiro, tendo como o principal responsável o aumento do preço do minério de ferro (+12,0%), devido ao acidente de Brumadinho.

Já o IPC, índice de preços ao consumidor (responsável por 30% do IGP), subiu 0,26% no mês e acumula alta de 4,13% em 12 meses.

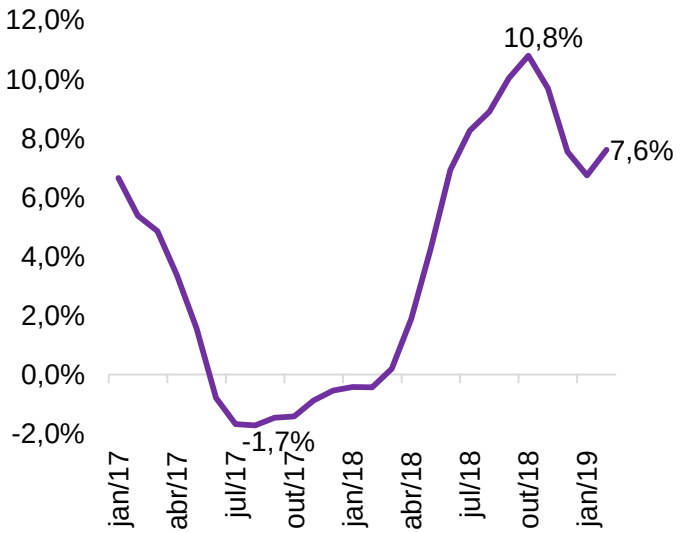
Apesar da alta recente, o repasse dos preços do atacado ao varejo segue bastante contido em função da fraqueza econômica, não alterando o cenário inflacionário confortável.

Quadro 9: Déficit em Conta Corrente e Investimento Estrangeiro Direto - % PIB



Fonte: BCB

Quadro 10: IGP-M – Var.% 12 meses



Fonte: FGV

CRÉDITOS/BANCO

Nota de Operações de Crédito

O Banco Central divulgou a Nota de Operações de Crédito do mês de janeiro, que mostrou queda do saldo na margem, um movimento típico do mês, não implicando em reversão da tendência de recuperação do setor. Na comparação em 12 meses, o crédito manteve sua trajetória de expansão, com números muito próximos aos de dezembro.

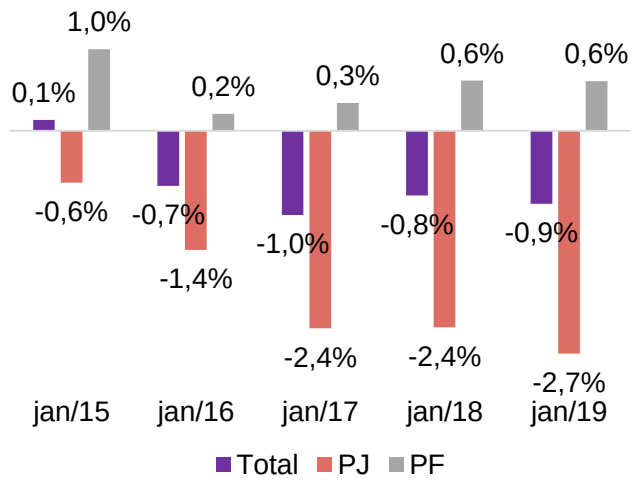
Em janeiro, o saldo total de crédito do SFN recuou 0,9% ante dezembro e registrou crescimento de 5,0% ante janeiro de 2018, ligeiramente abaixo da taxa registrada em dezembro (5,1%).

A carteira com recursos livres caiu 1,0% no mês, mas cresceu 10,8% em 12 meses (ante 10,9% em dezembro). A queda no mês foi fruto do recuo do saldo na carteira PJ, que encolheu 3,4% no período, refletindo principalmente a queda do saldo das modalidades de antecipação de recebíveis (duplicatas: -20,9%, faturas de cartão: -9,9% e cheques: -4,8%) em virtude do menor movimento no comércio em relação a dezembro, marcado pelas vendas de fim de ano. Em 12 meses, a carteira cresceu 10,1% (ante 10,4% em dezembro).

O crédito livre para as famílias, por sua vez, cresceu 1,1% no mês, e 11,4% em 12 meses (ante 11,3% em dezembro). Diferente das empresas, as famílias normalmente vão em busca de crédito no mês para arcar com despesas extras, como o IPVA, IPTU, matrícula e material escolar. Dessa forma, modalidades como cheque especial (+10,5%), rotativo do cartão (+2,7%) e pessoal não consignado (+2,2%) tiveram crescimento expressivo em janeiro.

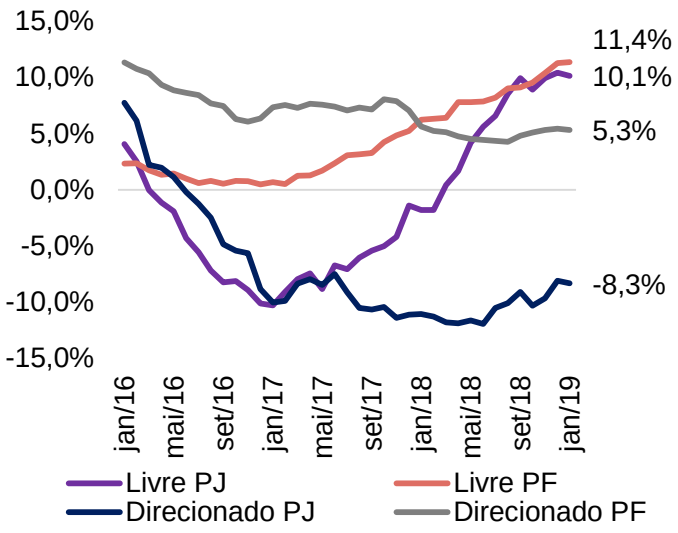
O saldo das operações com recursos direcionados recuou 0,8% no mês, e manteve sua trajetória de retração em 12 meses (-1,0% ante -0,9% em dezembro). Na carteira PJ, o saldo recuou 1,8% no mês e 8,3% em 12 meses (ante -8,1% em dezembro). Enquanto na carteira PF, o volume de crédito ficou estável no mês, e cresceu 5,3% em 12 meses (ante 5,4% em dezembro).

Quadro 11: Var. % do Saldo de Crédito ante o mês anterior – Meses de Janeiro



Fonte: BCB

Quadro 12: Var. % 12 meses do Saldo de Crédito – por segmento

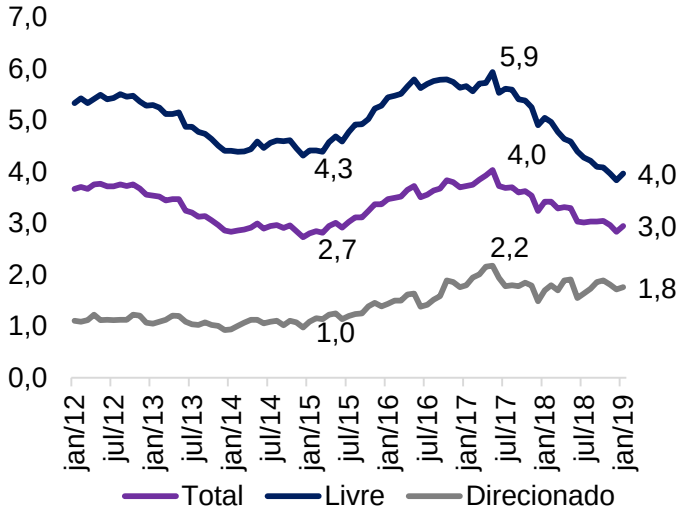


Fonte: BCB

Nota de Operações de Crédito

A inadimplência geral do SFN em janeiro ficou em 3,0%, ligeiro aumento de 0,1 pp no mês, mas queda de 0,5 pp no ano. No segmento livre, a inadimplência ficou em 4,0% (+0,1 pp no mês e -1,0 pp no ano), estável na carteira PF em 4,8%, e alta de 0,2 pp na carteira PJ para 2,9%. Na comparação anual ambas caíram: 0,4% e 1,9%, respectivamente, se mantendo em nível contido. No segmento direcionado, a inadimplência ficou em 1,8%, estável no mês e no ano. A inadimplência da carteira PJ caiu 0,1 pp, para 1,9%, enquanto na carteira PF subiu 0,2 pp para 1,7%. Diferente do segmento livre, a inadimplência no segmento direcionado ainda se encontra em patamar relativamente elevado para os padrões históricos.

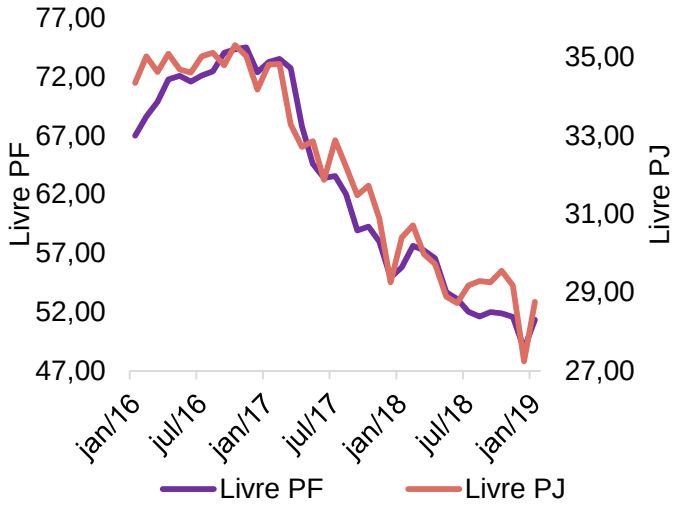
Quadro 13: Inadimplência – Em %



Fonte: BCB

A taxa média de juros das concessões do SFN aumentou 1,5 pp no mês, para 24,7% aa., decorrente da sazonalidade do mês. Na comparação com janeiro do ano passado, a taxa caiu 1,5 pp. No crédito livre, a taxa ficou em 37,7% aa (+2,1 pp no mês e -3,4 pp no ano). O aumento no mês ocorreu tanto no segmento PF (+2,5 pp para 51,4% aa), quanto PJ (+1,4 pp para 20,2% aa). Mas, ambas caíram em relação a janeiro do ano passado, em 4,5 pp e 2,1 pp, respectivamente. No segmento direcionado, a taxa média também subiu, em 0,6 pp para 8,7% aa. Da mesma forma, ocorreu tanto na carteira PF (+0,2 pp para 8,0% aa), quanto PJ (+1,4 pp para 9,9% aa).

Quadro 14: Taxa de Juros das Concessões – Recursos Livres – Em % aa



Fonte: BCB

Por fim, o spread médio do SFN avançou 1,6 pp para 18,5% aa, com alta tanto no segmento livre (+2,4 pp para 30,1% aa) e direcionado (+0,6 pp para 4,3% aa). Mas, com recuo de 1,2 pp na comparação com o mesmo mês do ano anterior, com retração nos dois segmentos, de 2,8 pp e 0,9, respectivamente.

Em suma, os dados do mercado de crédito apontaram piora na margem, com queda do saldo e aumento da inadimplência e das taxas de juros. No entanto, tal movimento é típico do mês de janeiro e não deve ser interpretado como uma reversão do movimento de recuperação. Na comparação com janeiro do ano passado, os dados mantiveram a tendência de melhora, com crescimento do saldo, e recuo das taxas de juros e inadimplência, embora em ritmo ligeiramente abaixo que o apresentado em dezembro. A expectativa segue sendo positiva para o mercado de crédito neste ano. A Pesquisa Febraban de Economia Bancária apontou que os bancos participantes da pesquisa apostam em um crescimento de 6,9% do estoque total de crédito neste ano, com expressiva performance do segmento livre, cujo crescimento esperado é de 11,0% em 2019.

Reunião CMN

A reunião da semana passada do Conselho Monetário Nacional aprovou do balanço do Banco Central do Brasil referente a 2018. No ano passado o Bacen apresentou resultado positivo de R$ 45,2 bilhões. Conforme previsto na legislação vigente, o resultado do 2º semestre será transferido ao Tesouro Nacional no prazo de até 10 dias úteis a partir da divulgação do balanço (27/02/19). O resultado positivo do primeiro semestre (R$ 19,6 bi) já foi transferido ao Tesouro, em setembro do ano passado.

O resultado das operações com reservas internacionais e derivativos cambiais foi positivo em R$ 127,1 bilhões no ano. No entanto, o resultado do segundo semestre foi negativo, em R$ 19,1 bi e deverá ser coberto pelo Tesouro até o décimo dia útil de 2020, conforme Lei 11.803/2008. Por outro lado, o resultado superavitário (R$ 146,2 bi) do primeiro semestre já foi transferido ao Tesouro, também em setembro de 2018.

Resultados do Banco Central

Em R$ bilhão

	Resultado do Banco Central do Brasil	Equalização das Reservas Internacionais e Swaps Cambiais
1o semestre de 2018	19,6	146,2
2o semestre de 2018	25,6	-19,1
2018	**45,2**	**127,1**

Fonte: Bacen

Banco Central empossa novo presidente e novos diretores

Na última semana, o novo presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, tomou posse do cargo. Junto com ele, os dois novos diretores do órgão, João Manoel Pinho (Diretoria de Organização do Sistema Financeiro) e Bruno Serra Fernandes (Diretoria de Política Monetária) também foram empossados. Na sabatina na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado, o novo presidente e os novos diretores, elogiaram a gestão anterior, e indicaram continuidade na condução da política monetária e cambial. Sobre o sistema financeiro, o discurso foi de continuidade e aprimoramento da agenda BC+, que busca melhorar o ambiente de crédito no Brasil. A cerimônia de transmissão do cargo de Goldfajn para Campos, ocorrerá dia 13 de março, na sede do Banco Central, e contará com transmissão do canal oficial do órgão no Youtube.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS INTERNACIONAIS

Os principais índices acionários americanos fecharam a semana praticamente estáveis, com sinais mistos na política e na economia. Se por um lado o encontro entre Trump e Kin-Jong un não trouxe os resultados esperados, o mercado segue relativamente otimista com um acordo comercial entre os EUA e a China.

Na agenda de indicadores, os números também foram mistos. O PIB norte-americano cresceu a uma taxa anualizada de 2,6% no último trimestre de 2018, desacelerando em relação ao trimestre anterior, mas acima das expectativas (+2,2%), levando a uma expansão de 2,9% da economia americana.

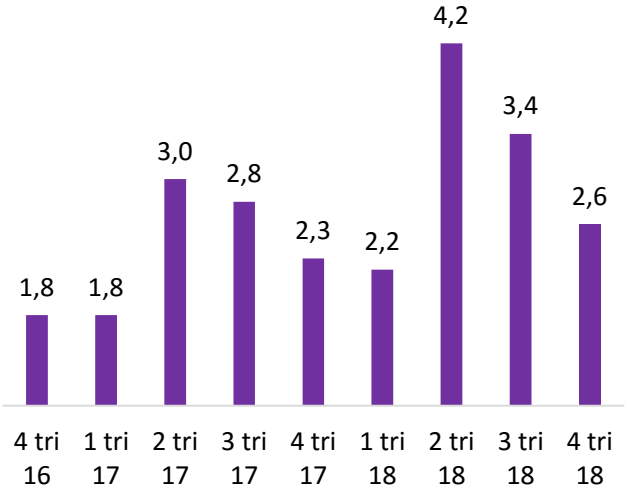
Por outro lado, os indicadores antecedentes, PMI e ISM seguiram em desaceleração em fevereiro, e seguem sugerindo moderação da atividade nos EUA neste primeiro trimestre. O PMI ficou em 53,0 ante 54,9 em janeiro e o ISM recuou de 56,6 para 54,2. Vale destacar que apesar da desaceleração, ambos seguem acima de 50 pontos, o que indica que a economia segue se expandindo, porém a uma taxa mais contida.

Cabe destacar também o discurso de Jerome Powell, presidente do Fed, nas duas Casas do Congresso americano, que voltou a reiterar paciência para a condução da política monetária americana.

Na Zona do Euro, os indicadores antecedentes também mostraram nova desaceleração. O PMI da indústria da região caiu de 50,5 para 49,3, mas nesse caso, abaixo do nível neutro, considerado em terreno contracionista. Nesse sentido, os principais dados de confiança da região também mostraram nova rodada de piora, embora em ritmo menos intenso que nas últimas leituras.

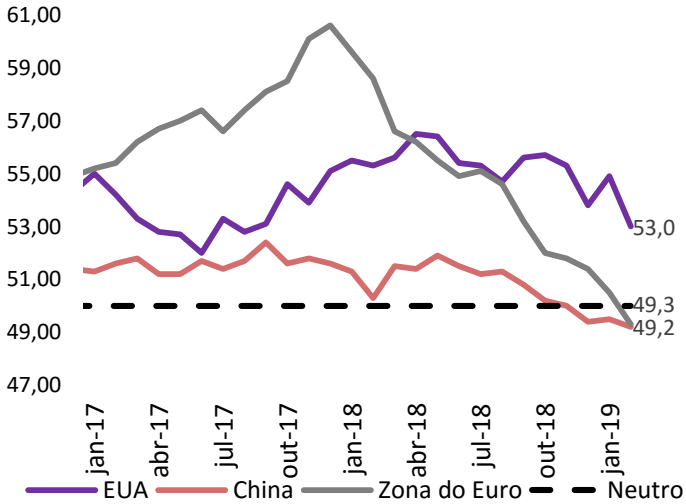
Na China, os indicadores antecedentes da indústria trouxeram números mistos. O PMI recuou na passagem de janeiro para fevereiro, de 49,5 para 49,2, indicando aprofundamento da desaceleração econômica, enquanto o índice Caixin avançou de 48,3 para 49,9. De toda forma, ambos seguem abaixo de 50 pontos, indicando que a economia chinesa prossegue caminhando em ritmo mais lento, especialmente no caso da indústria. Nesse sentido, o governo chinês anunciou ontem uma redução da meta de crescimento econômico para este ano, na faixa entre 6,0% a 6,5%, abaixo da meta de 6,5% dos dois últimos anos e do resultado de 2018, quando o PIB chinês cresceu 6,6%.

Quadro 15: EUA – Var.% Trimestral Anualizada do PIB



Fonte: Bloomberg

Quadro 16: PMI Manufatura – EUA , Zona do Euro e China



Fonte: Bloomberg

MERCADOS E EXPECTATIVAS

MERCADOS LOCAIS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2019				2020			
	01/03/19	22/2/19	01/02/19	Viés	01/03/19	22/02/19	01/02/19	Viés
IPCA (%)	3,85	3,85	3,94	↔	4,00	4,00	4,00	↔
PIB (% de crescimento)	2,30	2,48	2,50	▼	2,70	2,65	2,50	▲
Meta Selic - fim do ano (%a.a.)	6,50	6,50	6,50	↔	8,00	8,00	8,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R$/US$)	3,70	3,70	3,70	↔	3,75	3,75	3,75	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	01/03/19	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
Taxa de câmbio (R$/US$)	3,78	0,84%	0,58%	-2,53%	16,21%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	157,73	-4,33%	0,96%	-25,09%	-1,02%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	6,40	-0,05%	0,10%	0,00%	-2,99%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	6,55	0,80%	-0,16%	0,01%	-1,64%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	8,66	1,64%	0,47%	-2,16%	-6,74%
Índice Ibovespa (em pontos)	94.603,75	-3,35%	-1,03%	7,64%	10,81%
IFNC (setor financeiro)	11.121,63	-4,31%	-0,96%	9,82%	16,05%
Banco ABC Brasil	18,27	-1,35%	-0,05%	9,02%	-1,31%
Banco Alfa	6,65	0,00%	0,00%	2,31%	-4,32%
Banco do Brasil	51,31	-3,35%	1,40%	10,37%	21,88%
Banco Indusval	4,75	-9,00%	-2,86%	-29,10%	-61,38%
Banco Inter	40,07	-0,37%	4,90%	3,84%	-
Banco Mercantil	7,63	-6,95%	2,97%	8,38%	48,44%
Banco Pan	3,10	-5,49%	3,33%	58,97%	59,79%
Banco Pine	2,55	-7,94%	-7,27%	15,38%	-
Banestes	4,85	-0,41%	-0,82%	17,43%	22,47%
Banrisul	25,12	-0,71%	0,48%	13,26%	36,15%
Bradesco ON	37,40	-6,78%	-2,93%	10,49%	10,86%
Bradesco PN	42,55	-4,60%	-1,66%	10,09%	20,05%
BTG Pactual	34,00	3,82%	-0,44%	44,37%	47,83%
Itaú Unibanco ON	30,75	-3,76%	-1,16%	2,33%	5,07%
Itaú Unibanco PN	34,84	-4,96%	-1,11%	-1,86%	2,25%
Santander	44,30	-8,92%	-1,42%	3,75%	21,14%

Fonte: Bloomberg

Indicadores do Mercado	01/03/19	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
Fed Funds (% a.a.)	2,50	0,00%	0,00%	0,00%	66,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	2,55	2,38%	1,53%	1,45%	15,41%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	2,75	3,82%	1,40%	1,28%	-1,95%
Índice S&P 500 (em pontos)	2.803,69	0,39%	0,69%	12,79%	4,71%
Índice de ações de bancos - EUA	106,99	-0,77%	0,25%	20,43%	-5,34%
Índice Euro Stoxx 50	3.312,10	1,27%	0,42%	10,90%	-2,56%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	97,68	5,36%	-0,50%	12,59%	-26,75%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US$)	65,07	-3,05%	-1,45%	24,66%	1,94%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Regulação Prudencial, Riscos e Economia
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
Jayme Alves
Luiz Fernando Castelli
Douglas Nishida
Daniel Casula